

## Voltar

### NO INÍCIO ERA O LIVRO

A literatura me afastou de Deus. Ele, porém, que sempre gostou muito de literatura — as Sagradas Escrituras o provam —, quis me mostrar que também pelas letras (ou pelo Verbo?) poderia regressar à Igreja. Houve, contudo, uma longa errância de quarenta anos pelo mundo das obras literárias, com permanentes excursões pelo reino do blábláblá, que é uma província anexa à literatura e no qual muitos decidem residir para sempre.

É misterioso o encontro das pessoas com os livros. Há os que crescem e vivem entre eles, e não descobrem a sua estranha sedução. Muitos fingem amá-los, um amor fetichista, inevitavelmente associado a prestígio e ascensão social, e os compram, os exibem em estantes imponentes. Outros, e é o meu caso, inicialmente levados por aspectos mais exteriores da coisa “livro” — pois o livro, em si mesmo, já é algo fascinante —, deixam-se depois agarrar pelo conteúdo impresso e dele não se libertam mais, correndo-se o risco de transformá-lo em objeto com poder quase sobrenatural ou mágico, ao qual até se presta culto. É outra forma de fetichismo, o fetichismo bibliomaniaco dos chamados ratos de biblioteca.

Infelizmente, acho que cheguei bem perto desse ponto, apesar de não ter lido um único livro infantil à época da escola primária (foram quase mil e quinhentos dias sem um único livro de literatura exigido ou recomendado pelos professores). Só hoje consigo entender que o fato não foi tão catastrófico como pareceria: a razão da fantasia acabava chegando até mim, de alguma maneira, através dos causos contados pelos avós ou pelas histórias bíblicas que meu pai narrava com muita frequência, todas carregadas de moralidade judaico-cristã, destinadas a reforçar em nós os vínculos com um passado que, se não era um mar de rosas, era no entanto a fonte dos princípios e virtudes permanentes que deviam ser cultivados para tornar esse mundo uma coisa mais tolerável.

Passei a infância numa época em que ainda sem escritores

infanto-juvenis a serviço da luta de classes, do feminismo, do movimento gay. Na verdade, ainda não havia, naqueles aparentemente tranquilos anos, essa categoria literária e profissional do escritor infanto-juvenil, que mais tarde prosperaria, no Brasil, à sombra dos incentivos oficiais, sob a tutela de intelectuais que sabiam muito bem o que queriam: mudar a mentalidade das crianças. Como podia imaginar, àquela época, que a raiz de toda a loucura relativista dos nossos dias estaria justamente lá, nos aparentemente tranquilos anos sessenta em que cresci e fui adolescente?

Se não posso falar de livros, nesse período, é impossível esquecer uma coleção de discos das edições Paulinas, com leitura dramatizada das principais passagens das Sagradas Escrituras, que meu pai comprou para facilitar o seu trabalho catequético (ele que era Congregado Mariano e Confrade Vicentino).

Com que estranho e profético fascínio ouvíamos a voz da serpente, no episódio do Gênesis! Por outro lado, nada soava mais aterrorizante do que a ordem do Senhor expulsando Adão e Eva do Paraíso, chamando-nos à dura realidade da salvação e da perdição eternas. Não imaginaria que, em breve, na adolescência, a serpente pudesse ser fonte de tantas coisas sedutoras, terrivelmente atraentes, quando o demônio se disfarçaria de certas obras literárias para sair à caça de mais uma alma indefesa, disposta a confiar em tudo o que lhe chegasse pela forma impressa.

Tinha onze anos, quando o objeto livro adquiriu, estranhamente, certa visibilidade em minha vida. Foi em 1967, num seminário católico, onde entrei para sair padre e acabar saindo, logo depois, um cristão indiferente e, alguns anos mais tarde, um agnóstico muito insolente, cheio de dúvidas, incapaz de acreditar em Deus e no próximo.

Mais precisamente, foi numa tarde de chuva, enquanto andava sozinho pelas dependências do prédio central. Dei com uma porta aberta e, dentro, no meio de uma sala quase vazia, vi um monte de livros — pequena pirâmide de papel. Um aluno da Comunidade dos Maiores, que por ali passava, avisou-me:

— Não prestam. O reitor mandou jogar no lixo.

Ou queimar? Não me lembro bem. Foi a época em que, sob o

entusiasmo do recém-concluído Concílio Vaticano II, muitos seminários e mosteiros fizeram a mesma coisa: jogaram fora livros e mais livros que cheirassem a um catolicismo presumivelmente esgotado, produtos de um outono e um inverno sombrios. Que Deus me livre da presunção, mas fico imaginando, hoje, quanto livro bom, da Igreja de sempre, poderia haver naquela pirâmide destinada ao lixo.

Aproximei-me, peguei alguns, folheei. Podia levar quantos quisesse... Era a primeira vez que abria um livro que não fosse didático, mas nenhum deles me interessou. Todos os que apanhava do monte eram obras piedosas, e o estranho seminarista à pirâmide logo os devolvia, desencantado. Só um, caprichosamente, acabou permanecendo em minha mão. Não pelo conteúdo, mal entrevisto, porém pela capa, uma dura capa vermelha, com título e autor em letras prateadas. Olhei para os lados: não havia ninguém por perto. Com um gesto violento, separei a capa da brochura. A brochura devolvi ao monte, e a capa fui escondê-la sob minha mesa, na Sala de Estudos.

Ficou comigo por um bom tempo, sem nenhuma utilidade, simples objeto para ser contemplado, nem mais, nem menos. Com aquilo iniciava-se, sem que soubesse, um estranho ritual que duraria muito tempo, com suas inevitáveis oferendas, sacrifícios, consagrações, tendo como centro esses objetos de papel manchados de palavras e de vida — uma vida incomum, cada vez mais distante das coisas que eu tinha ido aprender no seminário.

Esse aspecto fetichista e idolátrico do livro, de objeto do qual irradiava um misterioso fascínio, independente do conteúdo que transportasse, foi importante para fazer dele um instrumento eficaz nas mãos do bem e do mal, de Deus e do demônio.